

Nas mãos da sociedade

Econ. Brasil

LÁZARO INFANTE

27 AGO 1989

o GLOBO

A tempestade inflacionária que vem varrendo a economia argentina está fazendo um eco por estas plagas. Naquele país, a explosão dos índices aconteceu de repente, após várias tentativas de curar o doente com o tratamento de choque. E a situação chegou a tal ponto que provocou inclusive uma reviravolta no calendário político da sucessão presidencial.

Embora com economia muito diversa da da Argentina, o Brasil vive algumas semelhanças que, ao lado de velhos problemas estruturais exclusivos, têm levado muita gente a uma expectativa generalizada de que a hiperinflação vem aí. O Governo gasta o que não tem, os planos fracassam, os preços não param de subir, os recursos procuram proteção no mercado financeiro, os juros disparam e cai sensivelmente a credibilidade da sociedade.

Não há dúvida de que a hiperinflação se reveste de características catastróficas para qualquer economia. E, no Brasil, um acontecimento de tal ordem seria o complemento desastroso para uma década que podemos considerar infeliz. Foram anos seguidos em que não crescemos, ou em que atrasamos nosso desenvolvimento econômico, deixando grande parcela da população um pouco mais longe de condições mínimas de bem-estar econômico e social.

Também não podemos negar que, na situação em que se encontra a economia, apesar de

atenuantes que a colocam em vantagem em relação à Argentina, qualquer acontecimento externo inesperado que venha a ocorrer poderá precipitar a reação em cadeia das remarcações sem limites, consequência da perda total da confiança na moeda nacional e agente destruidor do sistema produtivo.

Diante dessas condições, é fundamental que todos os segmentos da sociedade se conscientizem dos efeitos danosos da hiperinflação. Nesse processo não existem vencedores, pois todos perdem. Trata-se, em suma, de uma questão de sobrevivência, e nem a falta de credibilidade justifica posicionamentos que resultem na evolução negativa dos fatos.

Na realidade, não é hora de alimentar expectativas pessimistas. Ao contrário, é hora de agir. Nesse sentido, espera-se que o Congresso Nacional, nosso representante legítimo, tome a iniciativa, discuta propostas e aprove medidas que a maioria considerar necessárias para a salvação nacional, desde que isentas de influências de cunho político-eleitoral que deturpem o objetivo maior.

A sociedade deve conscientizar-se também de que o imediatismo dos ganhos exagerados de hoje é perigoso e pode levar a uma perda total no dia de amanhã.

Sabemos que a situação está difícil, mas temos certeza de que não está perdida. A economia brasileira reveste-se de grande potencial, principalmente se

considerarmos o imenso mercado interno. Saídas existem e a primeira providência é adotar um plano econômico consistente, capaz de combater eficientemente a inflação. Um plano que deve partir daqueles que detêm mandatos políticos importantes. Cabe a eles a responsabilidade de manter os sinais vitais da economia, que precisa ser revitalizada rapidamente.

Nesse plano é fundamental a participação de todos, a começar pelo Governo, ao qual cabe controlar os próprios gastos, eliminando gorduras burocráticas, extinguindo o fisiologismo e o compadrismo, privatizando estatais e cortando pela raiz fontes crônicas de prejuízos.

Empresários e trabalhadores, por seu lado, devem prestar-se a algum sacrifício, que certamente não será maior do que este clima de incerteza que a todos aflige.

Temos certeza de que isso pode ser alcançado e a base dessa certeza é o enorme grau de adaptação que podemos sentir no empresariado brasileiro, paralelamente à grande capacidade da mão-de-obra de nossa população.

Sem falar na capacidade brasileira de gerar saldos de exportação e principalmente no sentimento de nacionalidade que por certo será despertado diante da possibilidade de se concretizar um acontecimento de tamanha gravidade como a hiperinflação.